

## LITERATURA E FILOSOFIA: um corte literário/filosófico em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Eleno Marques de Araújo, CP.<sup>1</sup>

**RESUMO:** A literatura e a filosofia estão em estreito relacionamento, por retratar dimensões do conhecimento humano e que caracteriza uma linguagem de questionamento e exposição de pensamento de forma concreta, uma vez que ambas buscam aspectos sólidos de discussão de vários significados possíveis para questões do homem e sua filosofia de vida. Tal abordagem une as obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, *Discurso de Metafísica* de Leibniz e *Candido* de Voltaire. Assis deixa transparecer em sua obra que conhecia as obras filosóficas de Leibniz e Voltaire. Portanto, o eixo condutor deste artigo propõe um corte literário no texto machadiano e uma reflexão filosófica a cerca das obras acima citadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Filosofia. Existencialismo. Humanitismo.

### 1 INTRODUÇÃO

As pedras rolam, os pássaros voam, as águas do rio correm lentamente perfazendo seu percurso. Tudo parece muito normal: as pedras rolarem, os pássaros voarem e as águas correrem. Se essa fosse a maneira de todas as pessoas observarem a *physis* certamente a filosofia ainda não tinha começado sua existência. Mas, antes mesmo de começar a historiografia irrompeu nas antigas colônias gregas da Ásia menor, na Jônia, o que hoje conhecemos como filosofia. A Jônia era uma região periférica da Grécia Antiga onde aflorou o pensamento filosófico, ou seja, tem sua *origem* na plebe-grega. São das insatisfações humanas que o homem (Filósofo) perguntou: O que é? Isto é, pela existência do *Ser*. É de lá que o Ocidente herda, não só o pensamento filosófico, mas a própria cosmovisão.

Tales de Mileto, pelo que se sabe, foi o primeiro homem a indagar pela essência dos seres, a partir de uma profunda observação da *physis*. Às pegadas de Tales, seguiram seus contemporâneos e sucessores os chamados filósofos da natureza. Eles observaram que “pássaros banham em cinzas” e “porcos em lama”, que do “uno a multiplicidade e da multiplicidade a unidade”, que “o mesmo é pensar

---

<sup>1</sup> É licenciado em filosofia, bacharelado em teologia, mestre em ciências da religião, está doutorando em ciências da religião. É professor de filosofia e teologia no IFITEG, onde coordena o curso de filosofia.

e, portanto, ser”. Desde então, muitos outros se aventuraram em propor as mais variadas teorias ou os mais complexos sistemas filosóficos.

Em uma classificação geral da história da filosofia percebemos os Pré-Socráticos, e entre eles os clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles; os medievais; os modernos e os contemporâneos. Mais próximo a nós estão os filósofos existencialistas.

Os existencialistas dedicaram suas vidas, seus trabalhos na investigação do Ser. A conclusão dessa investigação culminou com o drástico drama da existência humana. Esvaziaram de tal forma a existência humana, que houve até quem decretou a morte de Deus. Tal realidade levou os próprios filósofos a um vazio interior. Entre eles, um pelo menos, até enlouqueceu. O vazio aqui tratado está relacionado à questão da existência humana. Uma questão existencial no pleno sentido do termo, que é a questão da ontologia, isto é, a pergunta do ser enquanto ser, ou seja, sua existência enquanto ser *apriori*. Um exemplo é Sartre: o filósofo do NADA e do SER, um poço de *angústia humana*.

Neste artigo propus analisar a questão da unidade entre Literatura e Filosofia, a partir da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nela Assis apresenta, por meio de Quincas Borba, um complexo sistema filosófico denominado de Humanitismo. Defenderemos, então, uma tese que Assis conhecia as obras *O Discurso de Metafísica* de Leibniz e *O Cândido* de Voltaire, pois Assis faz referência ao doutor Pangloss, um personagem de *Cândido*, usado por Voltaire para ridicularizar Leibniz.

Assis descreverá os dramas da existência humana no desenrolar da vida dos personagens Quincas Borba, o criador do Humanitismo, e do próprio Brás Cubas, com todas as suas idas e vindas. Uma leitura atenta de *Memórias Póstumas* leva a uma conclusão que entre a vida de Quincas Borba e a de Cândido há uma relação muito grande. Ambos têm, por exemplo, uma infância abastada. O primeiro estuda em escola particular e sempre é destaque em papéis representativos em peças teatrais e celebrações comemorativas, mas sempre como nobre e nunca como alguém da plebe. O segundo é aluno do preceptor Plangloss no castelo do barão de Thunder-ten-tronckh, considerado um paraíso terrestre. Mas, os dois vão da nobreza à miséria; padecem violências, fome e roubo. Quincas morre semi-demente, Cândido ao final da obra está muito pobre e tem de trabalhar para sua própria subsistência. Passemos, portanto, a análise das obras individualmente.

A relação existente entre Cândido e Quincas se dá na questão da formação pessoal, isto é, no processo escolar. Embora os textos não falem da condição econômica dos dois, ambos têm acesso ao saber. Mesmo com tanto estudo e boa formação eles vão ao vazio profundo, seria para conhecer sua própria existência humana? Ou será que *todos* os que perguntaram sobre a existência humana caíram numa *determinada loucura*, eu diria: *desequilíbrio*? Será que a pergunta: O que é? Não garante uma *segurança*? Será que quanto mais conhecemos o desconhecido, mais deixamos de conhecer... As perguntas: O que é o homem? O que é a Vida? O que é a Morte? O que é Deus? Muitas vezes foram colocadas em evidência durante a história do pensamento filosófico... Seriam elas as responsáveis por fazer as pessoas caírem no vazio?

## 2 LITERATURA E FILOSOFIA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

As primeiras linhas da obra de Assis (1997, p. 15), por meio do personagem Brás Cubas, deixa o leitor um tanto quanto meditativo com a dedicatória que faz. “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”. Qual o sentido de dedicar uma obra a um verme? Qual a predileção ao primeiro? Será que existe uma relação entre o verme primeiro e o esperma humano que primeiro fecunda o óvulo numa luta pela própria sobrevivência? O verme que primeiro rói seria, neste caso, o vencedor?

A advertência ao leitor vem logo em seguida, porém no sentido da preferência do mesmo em relação ao texto a ser lido. “Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrentado da brevidade do século [...]” (ASSIS, 1997, p. 22). Contudo a obra deve ser lida com um olhar filosófico, pois ela é “obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostado” (ASSIS, 1997, p. 22). No desenrolar de todo o texto vai aparecer em diferentes momentos uma interrogação sobre os dramas da existência humana, como por exemplo, na seguinte passagem onde é abordada a questão da sina ou da predestinação. “Por que... não sei por que... porque é a minha sina...” (ASSIS, 1997,

p. 44). O que é a sina? Existe uma predestinação? O contexto da reflexão é um adultério. As paixões e as conseqüências daí decorrentes.

Mas, assumir isso como sina, como predestinação parece ser simplista demasiadamente. Antes de aprofundar nos desdobramentos da vida de Brás Cubas, o autor apresenta a intenção do livro, a preocupação está em relação às intenções do leitor ao saber do propósito de tal obra: “não sei se digo; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é casticismo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada” (ASSIS, 1997, p. 47). A partir deste ponto o autor passa a narrar os altos e baixos da vida de Cubas. Primeiro vem as aventuras do amor.

Primeira comoção da minha juventude, que doce que me foste! Tal devia ser, na criação bíblica, o efeito do primeiro sol. Imagina tu esse efeito do primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor. Pois foi a mesma coisa, leitor amigo, e se alguma vez cantaste dezoito anos, deves lembrar-te que, foi assim mesmo (ASSIS, 1997, p. 49).

Como na vida nem tudo é só alegria e nem sempre as recordações são as melhores, percebemos que o narrador pretende mostrar exatamente que esta realidade vai se revezando e logo vêm as dificuldades: “pagava-me à tanta os sacrifícios; espreitava os meus mais recônditos pensamentos. Não havia desejo a que não acudisse com calma, sem esforço, por uma espécie de lei da consciência e necessidade do coração. Nunca o desejo era razoável, mas um capricho puro [...]” (ASSIS, 1997, p. 52). O namoro que teve com Marcela é descrito de uma forma quase comercial. “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de reis; nada menos” (ASSIS, 1997, p. 53). O valor descrito de onze contos de reis é dos presentes que ele sempre dava à moça, mesmo que deixando seu pai em dificuldades financeiras.

Diante da decisão do pai de Brás em mandá-lo a Europa para estudar, mas, também com a finalidade de separá-lo de Marcela, com quem estava namorando, e gastava muito, em função dos freqüentes presentes dados à moça. Brás apresenta de forma ‘nua e crua’ a realidade de uma pessoa desesperada diante de um sentimento de perda e que quase sempre leva a um vazio muito profundo:

Saí desatinado; gastei duas mortais horas em vaguear pelos bairros mais excêntricos e desertos, onde fosse difícil dar comigo. Ia mastigando o meu desespero, com uma espécie de gula mórbida: evocava os dias, as horas, os instantes de delírio, e ora me comprazia em crer que eles eram eternos, que tudo aquilo era um pesadelo, ora, enganando-me a mim mesmo, tentava rejeitá-los de mim, como um fardo inútil. Então resolvia embarcar imediatamente para cortar a minha vida em duas metades, e deleitava-me

com a idéia de que Marcela, sabendo da partida, ficaria ralada de saudade e remorsos (ASSIS, 1997, p. 54).

Braz embarcou no navio que devia levá-lo a Europa. O navio com os seus tripulantes representam, de certa forma, a existência humana, pois entre os passageiros estão pessoas felizes indo passear; pessoa que por seu estado débil inclusive vem a óbito durante a viagem; passageiro em profundo estado de loucura, etc. “[...] um homem doido, acompanhado pela mulher, dois rapazes que iam a passeio, quatro comerciantes e dois criados. [...] O capitão do navio, que, aliás, tinha muito que cuidar de si, porque, além do mais, levava a mulher tísica em último grau” (Assis, 1997, p. 57). Mais tarde ele descreve a morte da mulher do capitão. “Pobre Leocádia! Murmurou sem responder ao pedido. Um cadáver... o mar... o céu... o navio...” (ASSIS, 1997, p. 61). O velório se deu no navio e o mar abriu suas águas, como uma grande sepultura, para receber o corpo de Leocádia.

Logo que chegou a Portugal teve um incidente com um burro no qual andava. Caindo do animal ficou preso a ele, pois seu pé não saiu do estribo, correndo um grande risco de ser arrastado ou pisoteado pelo animal. Salvo, graças a ação corajosa de um escravo, ele decide dar três moedas de ouro como recompensa, mas se arrepende imediatamente. “Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas” (ASSIS, 1997, p. 63). Imediatamente, após ter dado as três moedas bate-lhe um arrependimento profundo e chega facilmente à conclusão de que devia ter dado só uma, pois o esforço do almocreve não tinha sido grande, e depois não aconteceu nada, isto é, sensação de dinheiro jogado fora. E depois o próprio almocreve diz: “Se o jumento corre por aí fora, é possível; mas, com a ajuda do cavalo, viu vós mecê que não aconteceu nada” (ASSIS, 1997, p. 64).

A estada de Cubas em Portugal não rendeu o que o seu pai esperava, mas diante da enfermidade de sua esposa suplica ao filho que volte. “Ao cabo de alguns anos de peregrinações, atendi às súplicas de meu pai: ‘Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, acharás tua mãe morta!’ (ASSIS, 1997, p. 65). Cubas continua descrevendo seu drama e recorda o momento de sua partida do Brasil:

Esta última palavra foi para mim um golpe. Eu amava minha mãe; tinha ainda diante dos olhos as circunstâncias da última bênção que ela me dera, a bordo do navio. ‘Meu triste filho, nunca mais te verei’, soluçava a pobre

senhora apertando-me ao peito. E essas palavras ressoavam-me agora, como uma profecia realizada (ASSIS, 1997, p. 65).

A viagem de retorno não poderia ter sido diferente. Sua mente só ocupara de pensamentos doloridos, pois tinha uma grande dúvida: viria sua mãe viva? A descrição que seu pai fizera o colocou diante da morte de uma pessoa amada. Como encarar a dor da perda?

Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou traz-lhe a idéia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de coisas antigas, - a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar (ASSIS, 1997, p. 67).

A morte da mãe de Cubas levou-o a um estado depressivo, comum em circunstâncias de morte. Talvez o autor da obra quisesse assim mostrar a fragilidade do ser humano neste momento de separação, de perda, de dor. A reação foi a mesma de todas as pessoas. Uma tentativa de fugir do mundo, do confronto com outras pessoas e isolar-se no silêncio e na solidão:

[...] Com efeito, ao cabo de sete dias, estava farto da solidão; a dor aplacara; o espírito já se não contentava com o uso da espingarda e dois livros, nem com a vista do arvoredo e do céu. Reagia à mocidade, era preciso viver. Meti no baú o problema da vida e da morte, os hipocondríacos do poeta, as camisas, as meditações, as gravatas, e ia fechá-lo [...] (ASSIS, 1997, p. 70).

Vendo a dor e o sofrimento de Cubas seu pai vai ao seu encontro “[...] Olá, meu rapaz, isto não é vida!” (ASSIS, 1997, p. 71). Certamente a dor do pai ao ver a dor do filho o move para ajudá-lo a sair daquele estado depressivo. A visita não era a toa, tinha um propósito. O filho devia sair do estado depressivo. Depois de confortá-lo dizendo que a vontade de Deus devia ser aceita, faz-lhe duas propostas. Uma para casar-se com Eugênia e a outra de fazer carreira política.

De início a reação foi negativa para as duas propostas. Mas decidiu visitar a moça. “Apertei-lhe a mão e saí, a rir comigo da superstição das duas mulheres, um rir filosófico, desinteressado, superior” (ASSIS, 1997, p. 79). Ainda nesta casa retirada, ele recebe a misteriosa visita de uma borboleta preta o que lhe causa

estranheza e levanta uma série de interrogações. O que tem a ver a borboleta e ele? Por que a borboleta devia ser azul e não preta como era? Seria uma questão de racismo? Seria discriminação, como reflexo de sua própria cor? “Era negra como a noite. [...] Tinha um certo ar escarninho que me aborreceu muito. Dei de ombros, sai do quarto; mas tornando lá, minutos depois, achando-a ainda no mesmo lugar, senti um repelão dos nervos, lancei mão de uma toalha, bati-lhe e ela caiu” (ASSIS, 1997, p. 79). Por que esta borboleta preta mexeu tanto com os sentimentos de Cubas? Ele continua descrevendo a cena com certa preocupação:

Passa pela minha janela entra e dá comigo. Suponho que nunca teria visto um homem; não sabia, portanto, o que era o homem; descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estrutura colossal. Então disse consigo: ‘Este é provavelmente o inventor das borboletas’ (ASSIS, 1997, p. 80).

A borboleta era livre, podia ir e vir, ao contrário da existência humana que prende as pessoas em suas opções. No passado houve uma proposta de casamento entre Brás Cubas e Virgília que não se concretizou. Ela decidiu por casar-se com Lobo Neves. Mas, certamente, amava a Cubas e o casamento só podia não trazer a felicidade. “Lá dentro ela poderia, e não pouco – ou fosse mágoa pura, ou só despeito; e porque a dor que se dissimula dói mais, é mui provável que Virgília padecesse em dobro do que realmente devia padecer. Creio que isto é metafísica” (ASSIS, 1997, p. 94). O caso que ora inicia entre os dois é descrito de forma contagiante. “Outra coisa que também me parece metafísica é isto: dá-se movimento a uma bola, por exemplo; rola esta, encontra outras bolas, transmite-lhes o impulso, e eis a segunda bola a rolar como a primeira rolou” (ASSIS, 1997, p. 94). No fundo o que ele quer dizer é que percebeu os sentimentos de Virgília e deixou ser contagiado por eles. O impulso vindo dela (primeira bola) atinge a ele (segunda bola) e ambos estão rolando, ou seja, os sentimentos de antes ainda não acabaram.

A morte do pai de Brás fez com que a família se dividisse em função dos bens materiais a serem herdados por ele e sua irmã. “Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito brigar com Sabina. Éramos tão amigos!” (ASSIS, 1997, p. 100). No entanto, ele continua a lamentar a separação ou a briga com a irmã. “Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muitas vezes esse pão da alegria e miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a

beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas” (ASSIS, 1997, p. 100). No lamento de Cubas fica evidente que, apesar da separação, da dor e do sofrimento em função da morte do pai, o que fala mais alto é o dinheiro, a posse, os bens materiais em detrimento das relações humanas ou fraternas.

A morte de seu pai o leva novamente a um estado depressivo. “Vivi meu recluso, indo de longe em longe a algum baile, ao teatro, ou palestra, mas, a maior parte do tempo passei-a comigo mesmo. Vivia, deixava-me ir ao curso e recurso dos sucessos e dos dias, ora buliçoso, ora apático, entre a ambição e o desânimo” (ASSIS, 1997, p. 101).

Reflexão sobre a finalidade do nariz, ou melhor, por que a pessoa tem nariz? “Nariz, consciência sem remorsos, tu me valeste muito na vida... já meditaste alguma vez no destino do nariz, amado leitor? (ASSIS, 1997, p. 102). É muito provável que muitos de nós nunca perguntou pela existência do nariz. Ele existe como todos os outros órgãos de nosso corpo e talvez sua função mais específica seja a de proporcionar ao corpo o sentido do olfato. Em uma relação de causa e efeito Leibniz teria afirmado que o nariz existe para sustentar os óculos. “Tal explicação confesso que até certo tempo me pareceu definitiva; mais veio um dia, em que, estando a ruminar esse e outros pontos obscuros de filosofia, atinei com a única, verdadeira e definitiva explicação” (ASSIS, 1997, p. 102). Mas, a conclusão que Cubas apresenta para a questão força necessariamente outra análise, pois não é tão simples como na descrição feita. “A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, o nariz que a subordina ao indivíduo. Procriação, equilíbrio” (ASSIS, 1997, p. 103).

Aqui passa também a questão da transcendência. A pessoa é capaz de transcender-se por ter um eixo condutor, isto é, o nariz. Ele assume aqui a função de balizas, conduz o “olhar da alma” como diz Platão, a contemplação profunda. Cubas evoca o faquir, que para enxergar a luz celeste esquece do mundo a sua volta e se perde na imensidão do universo olhando para a ponta do nariz. O exemplo usado, embora com enfoque na espiritualidade, também transcende a essa realidade e passa para o pólo da racionalidade. O equilíbrio só será possível se o ser humano adaptar-se ao meio. O chapeleiro que não adaptou foi a falência vendo seu concorrente ir à prosperidade.

O apego aos bens materiais é descrito a partir de dois achados. O primeiro é uma moeda que Cubas encontrou na rua. Passa-lhe vários questionamentos à

mente. Finalmente ele a devolve assim como que para ninguém, pois como alguém poderia provar que aquele objeto era dele? Brás Cubas a envia ao delegado de polícia acompanhada de uma carta pedindo-lhe que utilizasse dos meios disponíveis para restituí-la ao verdadeiro dono. É evidente que este acontecimento rendeu-lhes nobres elogios. Depois de ter enviado a moeda à polícia tira a seguinte conclusão: “eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, afim de que a moral possa arejar continuamente as consciências” (ASSIS, 1997, p. 106).

De outro lado, ele encontrou durante uma caminhada na praia, um pacote fechado. Dentro do embrulho continha cinco contos. Este valor era infinitamente superior à moeda devolvida. “Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim totalmente, uma praia, é necessário que...” (ASSIS, 1997, p. 108). Este achado não criou-lhe nenhum tipo de constrangimento. “Crime é que não podia ser achado; nem crime, nem desonras, nem nada que embaciasse o caráter de um homem” (ASSIS, 1997, p. 108). Ele tratou de guardá-lo como que se um objeto achado fosse automaticamente propriedade sua. Mais tarde ele usa este dinheiro para comprar a consciência da velha que emprestava a sua casa para ele manter os encontros amorosos com Virgília.

Após os primeiros encontros, a velha remoía de remorso em saber que sua casa estava sendo usada como ponto de encontro para a realização de um adultério. Logo que ela ganha os cinco contos sua consciência fica tranqüila. Dinheiro que não era dele, não provocou nele nenhum gesto de constrangimento e ao afinal serviu para comprar uma consciência maculada. O que passa na mente humana quando uma simples moeda é causa de grandes perturbações por pertencer à outra pessoa, ao passo que cinco contos, uma quantia significativa, não lhe causam nenhuma perturbação?

As relações éticas e morais não lhes causavam tantas perturbações, representou o problema da moeda. Brás Cubas vive um romance secreto com Virgília. Porém o drama existencial é tratado como uma espécie de destino o que não lhe provocava um drama na consciência:

Pobre destino! Onde andarás agora, grande procurador dos negócios humanos? Talvez esteja a criar pele nova, outra cara, outras maneiras,

outro nome, e não é impossível que... já me não lembra onde estava... Ah! Nas estradas escuras. Disse eu comigo que já agora seria o que Deus quisesse. Era a nossa sorte amar-nos; se assim não fora, como explicaríamos a valsa e o resto? Virgília pensava a mesma coisa. Um dia, depois de me confessar que tinha momentos de remorsos, é porque me não tinha amor, Virgília cingiu-me com os seus magníficos braços, murmurando: amo-te, é a vontade do céu (ASSIS, 1997, p. 113).

Um pouco mais adiante ele afirma: “e estas palavras não vinham à toa. Virgília era um pouco religiosa. Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa e quando havia lugar vago em algum tribunal. Mas rezava todas as noites com fervor, ou, pelo menos, com sono”. (ASSIS, 1997, p. 113). As traições certamente os deixavam em situação um tanto desconfortável, sobretudo para Cubas. “Lobo Neves, a princípio, metia-me grandes sustos. Pura ilusão. Como adorasse a mulher, não se vexava de me dizer muitas vezes. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amável, elegante, austera, um modelo.” (ASSIS, 1997, p. 114). Lobo Neves na pessoa de Cubas era um amigo, por isso chega a confidenciar-lhe sentimentos íntimos:

Um dia confessou-me que trazia uma triste carcoma na existência. Faltava-lhe a glória pública. Animei-o; disse-lhe muitas coisas bonitas, que ele ouviu com aquela unção religiosa de um desejo que não quer acabar de morrer; então compreendi que a ambição dele andava cansada de bater as asas, sem poder abrir vôo. Dias depois disse-me todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engolidas, as raivas sopitadas; contou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfídias, interesses, vaidades. Evidentemente havia aí uma crise de melancolia; tratei de combatê-la (ASSIS, 1997, p. 114).

Brás ainda estava atônico, com as confidências Lobo Neves e de repente de dá bom Quincas Borba. O reaparecimento de Quincas Borba se dá em situação de mendicância. Há tempos os dois amigos não encontravam, mas o reencontro não foi tão agradável. “Não havia nele a resignação cristã, nem a conformidade filosófica” (ASSIS 1997, p. 117). Borba insiste em explicar a Cubas a filosofia do Humanitismo, mas este não interessa nem um pouco pelo assunto mesmo diante da insistência do amigo. “Não vá sem eu lhe ensinar a minha filosofia da miséria, disse ele, escarranchando-se diante de mim” (ASSIS, 1997, p. 118). Mas depois de distanciar-se de seu velho amigo ele afirma: “quisera ver-lhe a miséria digna. Contudo, não pude deixar de comparar outra vez o homem de agora com o de outrora, entristecer-me e encarar o abismo que separa as esperanças de um tempo de realidade de

outro tempo” (ASSIS, 1997, p. 119). Certamente Brás recorda dos tempos da infância, da escola, período em que seu amigo era pessoa de destaque na expressão: ‘homem de outrora’. Neste sentido Assis mostra a questão dos dramas existências por meio diferentes níveis sociais. Tal é a forma que descreve como um ex-escravo repassava a violência recebida de seu ex-senhor:

Era um modo que Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava; comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim, recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (ASSIS, 1997, p. 132).

Na citação acima é a questão da violência, da exploração e da opressão que o autor demonstra, na passagem seguinte será um triângulo amoroso o objeto de análise. Na descrição do romance entre Virgília e Cubas, elenca uma série de personalidades que poderiam viver no mesmo lugar com sentimentos absolutamente distintos:

Vê agora a neutralidade deste globo, que nos leva, através dos espaços, como uma lancha de naufragos, que vai dar à costa: dorme hoje um casal de virtudes no mesmo espaço de chão que sofreu um casal de pecados. Amanhã pode lá dormir um eclesiástico, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos abençoarão esse conto de terra, que lhes deu algumas ilusões (ASSIS, 1997, p. 133).

Para tranquilizar a consciência de dona Plácida ele dá a ela os cinco contos que tinha encontrado na praia. “Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, – como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da virgem que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo (ASSIS, 1997, p. 134). Neste momento da obra passa exatamente a questão da falsa moral, pois o dinheiro deixou a velha tranquila e conivente com a situação. E ainda era capaz de rezar agradecendo, todas as noites, pelo seu benfeitor. Em meio a toda essa situação de traição vem a ilusão: “Continuei a pensar que, na verdade, era feliz. Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secretário de ambos e reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?” (ASSIS, 1997, p. 148). Para completar esta reflexão ele acrescenta: “O que é novo neste livro é a

geologia moral do Lobo Neves e, provavelmente, a do cavalheiro que me está lendo” (ASSIS, 1997, p. 155). A intenção do autor é fazer o leitor questionar-se a si mesmo sobre seus próprios atos. Quase sempre as pessoas têm um discurso e uma ação diferenciada. As ações não correspondidas com o discurso criam a falsa moral, o que o autor quer que o leitor reveja em sua vida individual.

Depois de um longo sumiço Quincas Borba reaparece e envia uma carta com um relógio que havia roubado de Brás. “Há tempos, no passeio público, tomei-lhe de empréstimo um relógio. Tenho a satisfação de restituir-lho com esta carta. A diferença é que não é o mesmo, porém outro, não digo superior, mas igual ao primeiro.” (ASSIS, 1997, p. 161). A restituição do relógio significa uma mudança radical na vida de Quincas, ele já colocou praticamente as bases de seu sistema filosófico, não é mais um mendigo e sua situação econômica já melhorou muito: “muitas coisas se deram depois do nosso encontro; irei contá-las pelo miúdo, se me não fechar a porta. Saiba que já não trago aquelas botas caducas, nem envergo formosa sobrecasa cujas se perdiam na noite dos tempos. Cedi o meu degrau de escada de São Francisco” (ASSIS, 1997, p. 161). Quincas propõe visitar Brás e expor-lhe o Humanitismo, o que acontece dias mais tarde.

Dito isto, peço licença para ir um dia destes expor-lhe um trabalho, fruto de longo estudo, um novo sistema de filosofia, que não só explica e descreve a origem e a consumação das coisas, como faz dar um grande passo adiante de Zenon e Sêneca, cujo estoicismo era um verdadeiro brinco de crianças ao pé da minha receita moral. É singularmente espantoso este meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe humanitismo, de humanistas, princípio das coisas. Minha primeira idéia revelava uma grande ênfase, era chamar-lhe borbismo, de Borba, denominação vaidosa, além de rude e modesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é deveras um monumento, e se alguma coisa há que possa fazer me esquecer as amarguras da vida, e o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão. Essas duas esquinas, após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do velho amigo Joaquim Borba dos Santos (ASSIS, 1997, p. 161).

Nesse capítulo ao devolver o relógio roubado, Quincas diz que o seu sistema filosófico retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade e enche de glória o nosso país. Assim, humanistas é o princípio das coisas. Por isso, as tentativas de invenção do emplasto podem ser lidas como aplicação prática dessa filosofia. Brás Cubas fica intrigado ao ler o bilhete que recebera, não consegue

entender o que passou na vida de seu amigo de infância. Conforme a passagem que vem a seguir, o autor demonstra a enorme confusão sentimental que passa em seu interior e que ele mesmo não consegue entender nem explicar.

Quanto a mim, se nos disser que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, acreditai-o, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, pois crê-lo, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, duvidei um pouco da asserção, e não se aceiteis sem provas. Nem então, nem ainda agora cheguei a discernir o que experimentei. Era medo, e não era medo; era dó e não era dó; era vaidade e não era vaidade; enfim, era amor sem amor, isto é, sem delírio; e tudo isso dava uma combinação assaz complexa e vaga, uma coisa que não podeis entender, como eu não entendi: suponhamos que não disse nada (ASSIS, 1997, p. 180).

Ao expor as primeiras ideias de seu sistema filosófico, Quincas Borba quer que seu amigo venha fazer parte desta cosmovisão, pois ela é a única que realmente bebeu a sabedoria no grande mar. Os gregos não deram conta de encontrar a verdadeira sabedoria, pois a procuravam em poços. O poço é estático, não escorre, não flui. Ele foi ao grande mar:

Venha para o Humanitismo; ele é grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que concepção mesquinha! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca atinaram com ela. Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar. Venha para o Humanitismo” (ASSIS, 1997, p. 182).

Ainda sem entender o convite de Quincas, Brás foi surpreendido com a notícia da nomeação Lobo das Neves para governador de uma Província. Virgília optou por mudar-se com o marido. Esta mudança pôs fim ao triângulo amoroso que já durara tempos. Brás Cubas tem uma nova decaída sentimental, como que novamente entrasse em um processo depressivo. “Nos primeiros dias meti-me em coisa, a fisgar moscas, [...] com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirando na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto.” (ASSIS, 1997, p. 188). A melancolia leva-o a remexer no passado, busca no baú as cartas antigas e põe-se a lê-las: “se não guardas as cartas da juventude, não conhecerás um dia a filosofia das folhas velhas, não gozarás o prazer de ver-te, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas assírias, a

bailar ao som de uma gaita anacreônica. Guarda as tuas cartas da juventude!” (ASSIS, 1997, p. 188). O que fez Brás sair dessa situação? Foi a força encontrada em sua irmã Sabrina com uma proposta de casamento e em Quincas Borba a ideia do Humanitismo. “Minha irmã encaminhou a candidatura conjugal de Nhá Loló de um modo verdadeiramente impetuoso. Quanto ao Quincas Borba, expôs-me enfim o Humanitismo, sistema filosófico destinado a todos os demais sistemas” (ASSIS, 1997, p. 189).

Quincas finalmente teve a oportunidade de expor o novo sistema filosófico ao seu amigo. “Conta três fases Humanitas: a estática, anterior a toda a criação, a expansiva, começo das coisas; a dispersivas, aparecimento do homem; e contará mais uma a contrativa, absorção do homem e das coisas.” (ASSIS, 1997, p. 189). Depois dessa breve fala, Quincas Borba demonstra de modo mais profundo as grandes linhas do sistema. “Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanistas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei do valor pessoal.” (ASSIS, 1997, p. 189). Dessa forma, acrescenta o novo filósofo: “descender do peito ou dos rins de Humanistas, isto é, ser um forte, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo” (ASSIS, 1997, p. 192). Em meio a uma mistura de filosofia e religião ele na busca da verdade “Quincas Borbas ponderou que o paganismo poderia ter chegado à verdade, se não houvesse amesquinhado com a parte galante dos seus mitos” (ASSIS, 1997, p. 192). Ele parece estar bem seguro de sua visão filosófica e acrescenta:

Nada disso acontecerá com o Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor, por exemplo, é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é um delicioso influxo de Humanitas), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer (ASSIS, 1997, p. 192).

Quincas tenta dar uma prova da superioridade do seu sistema em relação aos outros, sobretudo em aspectos morais. Ele afirma que a inveja é um sentimento a ser contemplado: “Não há moralistas grego ou turco, cristão ou mulçumano, que não tropeje contra o sentimento da inveja. O acordo é universal, desde os campos da

Iduméia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre” (ASSIS, 1997, p. 192). Depois de citar exemplos da luta de homens, sobretudo pela luta de forças e poderes, ele diz: “se entenderes bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos deliciosos são adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude” (ASSIS, 1997, p. 192). Quincas Borba elimina a dor de seu sistema filosófico, pois para ele:

A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é natural à evolução das coisas. Uma vez que o homem se compenetre bem de que ele é o próprio Humanista, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe pode ensinar alguns milhares de anos (ASSIS, 1997, p. 192).

Todo o tratado de Quincas Borba era composto de quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, as letras eram pequenas e havia muitas citações em línguas latinas, o que demonstra a sabedoria de Borba. O conteúdo dos três primeiros volumes não é informado, mas somente do último volume que era composto de um tratado político. No sistema de Quincas não são eliminados sentimentos ou situações de dor e sofrimentos da vida humana, mas ele faz uma nova interpretação dessas realidades:

Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficava eliminada a guerra, a insurreição, o simples murro, as facadas anônimas, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana. Mas ainda quando tais flagelos (o que era radicalmente falso) correspondessem no futuro à concepção acanhada de antigos tempos, nem por isso ficava destruído o sistema, e por dois motivos: primeiro porque, sendo Humanistas a substância criadora e absoluta, cada indivíduo deveria achar a maior delícia do mundo em sacrificar-se ao princípio de que descender; segundo porque, ainda assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a terra, inventada unicamente para o seu recreio, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibarbo. Pangloss dizia-me ele ao fechar o livro, não era tão tolo como o pintor Voltaire (ASSIS, 1997, p. 192).

No final da citação anterior Quincas faz uma referência a Pangloss, uma clara evidência que os ensinamentos de Leibniz a Cândido sobre o melhor dos mundos, apesar da dor e do sofrimento a que as pessoas são submetidas está em conformidade com o Humanitismo.

Diante de uma situação de peste Brás inconformado pela situação de morte é confortado por Quincas que justifica a necessidade da epidemia como uma relação de causa e efeito: “Quincas Borba, porém, explicou-me que epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para certa porção de indivíduos; fez-me notar que, por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número” (ASSIS. 1997, p. 201). A fim de reforçar o argumento e convencer Brás, Quincas chegou a perguntar: “se, no meio do luto geral, não sentia eu algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta pergunta era tão insensata, que ficou sem respostas” (ASSIS, 1997 p. 201). Com os questionamentos desconcertantes de Quincas, Brás afirma:

gosto de epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos (ASSIS, 1997, p. 226).

Em meio à epidemia, mas, sem dizer que estivesse fugindo dela, Quincas vai morar em Minas Gerais, mas, logo volta à casa de Brás em uma situação de demência: “era impossível crer que um homem tão profundo, chegasse à demência; foi o que lhe disse após o meu abraço, denunciando-lhe a suspeita do alienista. Não posso descrever a impressão que lhe fez denúncia; lembra-me, e a vida era para mim a pior das fadigas, que é fadiga sem trabalho.” (ASSIS, 1997, p. 231). Talvez Assis queira trazer esta nova realidade na vida do pretense filósofo para aproximá-lo de outros que se aventuraram em busca de respostas pelas questões existências e acabaram em situações análogas, como foi o caso de Nietzsche. Mesmo demente Quincas insistia com seu sistema de filosofia:

O Humanitismo há de ser também uma religião, a do futuro, a única verdadeira. O cristianismo é bom para as mulheres e os mendigos, e as outras religiões não valem mais do que essa: orçam todas pela mesma vulgaridade ou fraqueza. O paraíso cristão é um digno emulo do paraíso muçulmano; e quanto ao nirvana de Buda não passa de uma concepção de paráliticos. Verás o que é a religião humanística. A absorção final, a fase contrativa, é a reconstituição da substância, não o seu aniquilamento, etc.

vai aonde te chamam; esqueças, porém, que és o meu califa” (ASSIS, 1997, p. 231).

A prova maior da demência de Quincas foi que ele mesmo afirmou ter queimado seu tratado filosófico a fim de reescrevê-lo numa tentativa de aperfeiçoá-lo: “A diferença é que o olhar era outro, vinha demente. Contou-me que para o fim de aperfeiçoar o Humanitismo queimara o manuscrito todo e ia recomeçá-lo” (ASSIS, 1997, p. 233). Não passa muito tempo e ele vem a óbito: “Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss não era tão tolo como supôs Voltaire” (ASSIS, 1997, p. 234).

A primeira parte de *Memórias Póstumas* ocupou-se de narrar os acontecimentos entre a morte de Quincas Borba e a de Brás. “O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhe” (ASSIS, 1997, p. 234). Tal invenção era grande descoberta da humanidade: “Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos” (ASSIS, 1997, p. 234).

No encerramento do livro Assis deixa claro o pessimismo de Brás Cubas frente a existência humana: “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto” (ASSIS, 1997, p. 234). Como vantagens, ele aborda que não padeceu nem da peste que matou D. Plácida e nem da demência de Quincas Borba: “não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas coisas as outras quaisquer pessoa imaginará que não houve minguia nem sobra e conseqüentemente que saí quite com a vida (ASSIS, 1997, p. 234). Mas, acrescenta ele: “imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 1997, p. 234-235). Nesta frase final do livro certamente sobrevém à grande frustração da pessoa diante da vida.

Não ter sido pai, não lhe parece negativo em si, mas o fato de não ter deixado descendente dá-lhe um sentido de recompensa, pois não transmitiu a não ser a miséria humana. Neste ponto é preciso lembrar-se de como o autor inicia a obra,

pois a faz dedicando-a ao verme que primeiro roeu as frias carnes de seu cadáver. Teria sido uma grande libertação da couraça humana ter passado deste ao outro lado da vida, ao qual ele chamara de mistério? A dedicação inicial representa um agradecimento ao verme primeiro que ajudou a apagar sua conturbada existência humana? São perguntas que dificilmente encontraríamos respostas, pois o fato de ele encerrar a obra dessa forma só podem levantar hipóteses, já que seria muita audácia de nossa parte fechar a questão dando uma resposta definitiva.

### 3 INTERTEXTUALIDADE DAS OBRAS ANALISADAS

Leibniz em seu *Discurso de Metafísica* afirma que este é o melhor dos mundos possíveis, uma vez que seria “agir imperfeitamente agir com menos perfeição do que se teria podido. É desdizer a obra de um arquiteto mostrar que poderia fazê-la melhor” (LEIBNIZ, 1979. p.120). Pois, este mundo é obra de Deus e, nesse sentido, só pode ser o melhor dos mundos, uma vez que “Deus é um ser absolutamente perfeito” (LEIBNIZ, 1979. p.119), não poderia ter feito nada de imperfeito, “donde se segue que Deus, possuindo suprema e infinita a sabedoria, age de forma mais perfeita [...]” (LEIBNIZ, 1979. p.119).

Frente a esse otimismo de Leibniz, Voltaire escreve *O Cândido*, onde ridiculariza a posição metafísica leibniziana mostrando toda a *desgraça ou miséria* existente no mundo. Cândido é um personagem com o mesmo nome da obra de Voltaire. Ele teria sido um aluno/discípulo de Leibniz e aprendera com seu mestre que apesar dos pesares este é o melhor dos mundos possíveis. O autor faz a seguinte descrição de Cândido “[...] um rapazinho a quem a natureza tinha dotado dos mais brandos costumes. A fisionomia prenunciava-lhe a alma. Tinha o julgamento bastante acertado com o mais simples dos raciocínios; e por essa razão, suponho, o chamavam de Cândido [...]” (VOLTAIRE, 199, p. 25).

Cândido nasceu em um lindo castelo na Vestfália, além do Barão e da Baronesa viviam aí “Cunegundes, de dezessete anos, era muito corada, viçosa, carnuda, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno do pai. O preceptor Pangloss era o oráculo da casa e o pequeno Cândido ouvia as lições dele com toda a boa fé da sua idade e do gênio” (VOLTAIRE, 199, p. 25). O aluno aprendia de seu mestre as disciplinas de metafísico–teólogo–cosmolonigologia. Sem dificuldades “provava de modo admirável que não há efeito sem causa e que neste mundo que é

o melhor dos mundos possíveis, no castelo de sua alteza o barão era o mais belo dos castelos possíveis e a senhora baronesa a melhor das baronesas possíveis” (VOLTAIRE, 199, p. 25). Dizia Pangloss: “reparem que o nariz foi feito para sustentar óculos, por isso temos óculos” (VOLTAIRE, 199, p. 26). A temática do nariz está presente nas três obras: no Discurso de Metafísica, ela aparece como relação de causa e efeito; em *Cândido* simplesmente com ridicularização da obra anterior e em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o nariz parece exercer uma função importante. Ele aponta para um centro, pois o autor dá o exemplo do faquir que de tanto olhar a ponta de seu nariz, numa atitude meditativa atinge o mistério do universo. Como que se dissesse que o nariz está geograficamente localizado entre os dois olhos e ligeiramente abaixo da testa, centro da razão, exercendo, portanto, função de baliza.

Em todas as dificuldades, desde as mais simples até as maiores as quais *Cândido* passava sempre se lembrava de Doutor Pangloss, e com ele concordando este é o melhor dos mundos possíveis, apesar das desgraças às quais era submetido. O drama da existência humana perpassa as três obras. Percebe-se que no *Discurso de Metafísica* o autor trabalha com a teoria da criação, assim, “toda substância traz de certa maneira o caráter da sabedoria infinita e da onipotência de Deus e imita-o quanto pode [...] tudo o que acontece no universo, passado, presente ou futuro [...]” (LEIBNIZ, 1979. p.124). Dessa maneira, o ser humano deve conformar com sua existência independente dos fatos que lhe ocorram, pois “[...] é bem notório que as substâncias criadas dependem de Deus, que as conserva e até continuamente as produz por uma espécie de emanção, como produzimos os nossos pensamentos” (LEIBNIZ, 1979. p.129). Essa posição é um tanto quanto determinista, pois tudo é aceito como vontade de Deus.

*Cândido* do início ao fim é uma longa jornada de dor e sofrimento de todos os personagens, mas, sobretudo, daqueles que vivem a história: a separação de *Cândido* e *Cunegundes*; a expulsão de *Cândido* do mais lindo castelo de *Vestfália*, o suplício no exército búlgaro, a fome e a humilhação na Holanda. História de cada um, contada na travessia da Europa para a América deixa o leitor em dificuldades de saber qual viveu a pior situação ou o pior limite de vida; enfim, a obra tem a finalidade de questionar Leibniz: se este é o melhor dos mundos possíveis, o que será dos outros? Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, ao terminar de expor o Humanitismo, seu grande postulado filosófico faz a seguinte

afirmação: “Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire” (ASSIS, 1997, p. 192). E ele volta a enfatizá-la no penúltimo capítulo, já demente e à beira da morte, sustentando que a dor e o sofrimento é uma grande ilusão e que: “Pangloss, o caluniado Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire” (p. 234).

Em vários capítulos de *Memórias Póstumas* o autor deixa claro os desencontros de Brás Cubas: o desencanto do primeiro amor; a viagem para Europa; a morte da esposa do capitão do navio, a morte de sua mãe e de seu pai e os momentos depressivos pós-morte, o romance com Virgínia, a rejeição na política e ,em fim, o fracasso na invenção do emplasto. Por que Brás Cubas nunca conseguiu ter *nenhum status* na vida? A dor e o sofrimento que ele vive, como um difícil drama da existência humana, são expressos claramente no capítulo final da obra:

“Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.” (ASSIS, 1997, p. 135).

Para muitas pessoas a única coisa que garante um sentido de vida é a descendência, pois por meio dela perdura a continuidade se sua existência pessoal, mas para Brás Cubas esta foi a principal ou única vantagem que ele levou dessa vida para o outro lado do mistério.

#### 4 CONCLUSÃO

Conclui-se que Machado de Assis conhecia as obras de Leibniz e de Voltaire, pois em toda a obra percebe-se um fio condutor ligando-a as outras. A leitura mostra que este fio é a questão da filosofia existencialista perpassada em todas elas. No Discurso de Metafísica o autor apresenta um mudo criado por Deus. O mundo é o lugar em que as pessoas vivem com os seus dramas e realizações, as dores e as alegrias. Este é o melhor dos mundos, pois é obra de Deus que é perfeito e por isso mesmo fez tudo com a melhor perfeição. Nesse sentido, a questão é como o ser

humano vive nele, com tudo que se coloca diante de si advindo de uma ordem natural.

Voltaire mostra exatamente o contrário, pois se este mundo é o melhor o que seria dos outros? Para embasar sua tese ele faz Cândido, o aluno discípulo de Pangloss/Leibniz, viver direta ou indiretamente as piores desgraças na vida. É separado de seu grande amor, a jovem Cunegundes, é expulso de sua casa, o castelo de Vestfália, é obrigado a servir o exército dos Búlgaros, mendiga na Holanda, foge para a América, passa pelo Paraguai, Bolívia, Peru, Guianas, volta à Europa, onde reencontra velhos conhecidos e finalmente o filho do capitão, seu mais admirado mestre o Doutor Pangloss e sua amada Cunegundes. Todos não tiveram sorte diferente. Cada personagem teve sua existência marcada, sobretudo, pela dor, pelo sofrimento como um grande drama humano.

Daí a interrogação de Voltaire: se este mundo é obra de Deus, é o melhor dos mundos, pois Deus sendo perfeito não poderia ter criado nada imperfeito, o que seria então dos outros mundos? A obra é encerrada com um convite à reflexão “devemos cultivar nosso jardim”.

A abordagem que fizemos mostra que Machado de Assis havia lido as obras de Leibniz e Voltaire, por isso coloca o personagem Quincas Borba criando o Humanitismo, isto é, um sistema filosófico que seria capaz de suplantiar todos os outros já existentes. Quincas e Cândido têm um mesmo perfil. Eles têm as mesmas condições sociais, boa formação escolar, mas, isso não impede que experimentem, com suas vidas, as piores situações, uma vez que suas existências são marcadas com um grande drama existencial.

Em uma obra está Voltarei analisando a vida de Cândido, na outra está Brás Cubas analisando a de Quincas, mas os dois personagens (Cândido e Quincas) são extremamente otimistas diante da existência humana: “o Doutor Pangloss não era tão tolo como pintou Voltaire”. E a grande surpresa de Memórias Póstumas de Brás Cubas é como a obra é encerrada: Não transmiti a ninguém o legado de nossa miséria humana. Essa certeza pessimista da existência é o único saldo positivo que o narrador defunto levou para o outro lado do mistério.

## 5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Klick, 1997.

LEIBENIZ, Gottfried Wilhelm. **Discurso de metafísica**. Trad. Marilena de S. Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARTINS, Joaquim B. **Da literatura à filosofia: 80 textos com comentários**. São Paulo: Fesan, 1984.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1992.

VOLTAIRE. **Cândido ou otimismo**. Trad. Annie Cambé. Roma, Itália: Newton Compton Editoris, 1994.

REALE, Giovanni e ANTESERI, Dario. **História da filosofia: do humanismo a Kant**. Vol. II. São Paulo: Paulus, 1990